



## O Enquadramento Jornalístico sobre a Tríplice Fronteira<sup>1</sup>

Gianluca Simi<sup>2</sup>

Ada Cristina Machado da Silveira<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria

### Resumo

Este artigo analisa a cobertura jornalística local sobre a tríplice fronteira entre a Argentina, o Brasil e o Paraguai. Propõe-se aqui o estudo do enquadramento de matérias jornalísticas publicadas no diário “Gazeta do Iguazu”, de Foz do Iguazu, entre 2006 e 2007. A composição do corpus de análise se dá pela ocorrência dos termos “fronteira”, “periferia”, “Argentina” e “Paraguai”. Os resultados parciais indicam um enquadramento dos acontecimentos noticiados pelos média brasileiros como fruto da desordem das sociedades dos outros países e que os problemas de Foz do Iguazu são produzidos pela proximidade e pela presença de estrangeiros no Brasil. A relação de vizinhança entre a Argentina, o Brasil e o Paraguai é ignorada.

**Palavras-chave:** jornalismo; media; fronteira; periferia; enquadramento.

### Introdução

Este artigo procura analisar o enquadramento jornalístico dado pelo diário “Gazeta do Iguazu”, de Foz do Iguazu, à questão das relações internacionais entre a Argentina, o Brasil e o Paraguai. Procura-se ver que tipos de matérias são definidas como de interesse brasileiro ou estrangeiro e, a partir daí, analisar a imagem criada pelo veículo quanto aos países vizinhos e o impacto desta sobre as relações entre estes países.

A hipótese que se procura provar aqui é a de que os média adotam uma posição hegemônica do Brasil em relação aos demais países da América do Sul. Uma posição que se faz mais evidente em áreas de transição entre jurisdições, como é o caso da tríplice fronteira entre a Argentina, o Brasil e o Paraguai, nas cidades de Puerto Iguazú, Foz do Iguazu e Ciudad del Este respectivamente.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 5º. Semestre de Jornalismo da UFSM. E-mail: gianllucasimi@gmail.com

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM. E-mail: ada.machado@pq.cnpq.br



Para tal, analisaram-se as matérias publicadas no diário “Gazeta do Iguazu” entre 2006 e 2007 à procura da ocorrência de termos-chave, a saber: fronteira, periferia, Argentina e Paraguai e também suas variações, como fronteiroço, periférico e paraguaio. De um total de 2.635 matérias em que se encontrou um ou mais desses termos, este artigo se prendeu àquelas das editorias “Internacional” e “Região”.

A noção de enquadramento é extremamente importante, pois delinea a ação dos médias na construção social da realidade. Do enquadramento, advém a cobertura jornalística, entendida como o conjunto de fatores que fazem o produto mediático. A noção utilizada neste artigo é a apresentada por Carlos Alberto de Carvalho.

A análise de dados e sua interpretação ainda faz uso das noções de território de Milton Santos e de Jean-François Tétu; das noções de multiculturalismo e de identidade de Andrea Semprini e das noções de relações internacionais de Ricardo Seitenfus. Este artigo integra o projeto guarda-chuva “Brasil, mostra tua cara: a ambivalência de fronteiras e favelas na cobertura jornalística sobre as periferias”, liderado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ada Cristina Machado da Silveira, da Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

### **Território e fronteira**

O Brasil tem 16.886km de fronteiras<sup>4</sup>, com todos os países da América do Sul, exceto Equador e Chile. Desse total, 1.366km são com o Paraguai e 1.262km, com a Argentina. De fato, a tríplice fronteira entre a Argentina, o Brasil e o Paraguai, apesar de só ser maior em extensão do que a fronteira com o Uruguai, é a mais populosa, sendo habitada por, mais ou menos, 700 mil pessoas.

O território depende das atividades humanas para existir (TÉTU, 2002), ou seja, é a habitação humana que cria e dá sentido ao território. Mais do que uma simples extensão de terra, ele é resultado das ações sociais travadas ali. Segundo Santos (2002), “é o uso de território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto de análise social”. Um espaço não é território se ali não houver indivíduos que se relacionem entre si e com o ambiente. O território é sinônimo de espaço humano, habitado (SANTOS, 2002).

---

<sup>4</sup> Dados do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, através do sítio <http://www2.mre.gov.br/daa/df.htm>, acessado no dia 07/07/2010.



Para que o território exista, portanto, são necessárias redes sociais, cuja eficácia irá definir sua perpetuação ou seu declínio (TÉTU, 2002). No entanto, é preciso que se distingam as duas compreensões de território de acordo com Jean-François Tétu (2002): “[...]la distinction entre territoire comme ‘espace vécu’, i.e. ‘lieu investi de significations des acteurs du système territorial’ et le territoire comme ‘système’ (‘ensemble d’éléments et de relations éventuellement associées en vue de finalités communes’)”. Assim seja, o território como espaço vivido ou como sistema elementar.

A existência dos territórios cria ao seu redor as fronteiras, isto é, uma separação entre aquilo que concerne a um ou a outro (TÉTU, 2002). As fronteiras são os pontos de contato e de separação entre os territórios. Elas delimitam as jurisdições, isto é, o campo de atuação política de um Estado. Na pós-modernidade, no entanto, a noção de fronteira como limite entre os Estados-nação vem sendo gradualmente substituída pela noção de fronteira como espaço de “transnacionalização do território” (SANTOS, 2002). Nas palavras de Jean-François Tétu (2002), a fronteira separa os “*presques semblables*” e é o resultado prático de uma divisão consensual, reconhecida pelos territórios daqui e de lá.

### **Sociedade e integração**

A fronteira define a separação política, mas não impede as relações sociais entre as pessoas de ambos os lados. A partir desse convívio, “[...]a identidade de um indivíduo vai se constituindo[...]através de uma troca contínua que permite ao meu ‘eu’ estruturar-se e definir-se pela comparação e pela diferença” (SEMPRINI, 1999). O espaço fronteiro, ao mesmo tempo em que separa, permite o convívio com o estrangeiro, a criar um espaço multicultural, que “mostra a inadequação das análises estritamente políticas ou socioeconômicas e permite compreender por que os conflitos multiculturais somente se dispõem parcialmente ao longo das linhas de fratura políticas tradicionais” (SEMPRINI, 1999).

Nesse sentido, os meios de comunicação têm um papel fundamental, pois conectam o que parecia distante, aproximam os lados opostos das fronteiras. Os meios de comunicação permitem a construção de representações sociais através de três fatores: o recorte territorial, o papel deste recorte na organização do território e o localismo recente (TÉTU, 2002). A cobertura jornalística, dessa forma, transpõe-se à segregação política, atravessa as fronteiras graças à sua mediação social, que, por não ser contida



pelos fraturas políticas, permeia as relações entre os indivíduos locais. A cobertura jornalística transcende, assim, a esfera política e se insere também na esfera cultural, podendo integrar ou manter segregado, como no caso da tríplice fronteira, em que a Argentina e, em especial, o Paraguai são atrelados “a um imaginário de situações recorrentes articuladas pela ausência do Estado, pelo caos e pela violência” (SILVEIRA, 2006).

A cobertura jornalística, entretanto, não é mero reflexo social, é o resultado de um conjunto de ações feitas por indivíduos que têm locais sociais e vivências distintas. A cobertura jornalística, como já dito aqui, decorre do tipo de enquadramento dado aos acontecimentos:

[...] cada acontecimento narrado pelo jornalismo se inscreve também em dimensões mais amplas, donde é possível [...] perceber a inserção em uma determinada classe de eventos particulares, que por sua vez aponta na direção de uma universalidade, no sentido da indicação de características mais abrangentes da realidade à qual pertence o acontecimento noticiado (CARVALHO, 2009).

Em outras palavras, o enquadramento do qual advém a cobertura jornalística está impregnado de concepções que influenciam a construção social da realidade, mesmo a alheia. O enquadramento são "os modos como as notícias nos são apresentadas pelos operadores jornalísticos a partir de referências que deem às narrativas noticiosas inteligibilidade, o que implica relacioná-las a alguma dimensão do social reconhecível por quem as receberá” (CARVALHO, 2009).

No âmbito do espaço fronteiro entre a Argentina, o Brasil e o Paraguai, ao influenciarem a construção social da realidade, essas concepções que moldam o enquadramento jornalístico moldam também as relações diplomáticas entre os três países. A maneira como se constrói a imagem de um país reflete na maneira como as autoridades políticas se tratam e se reconhecem. A consequência desse tratamento se repercute nas tentativas recentes de integração, como a criação do Mercosul<sup>5</sup>, em 1991, e da Unasul<sup>6</sup>, em 2004. Mesmo 19 anos depois, o Mercosul não passa de um acordo "de natureza econômica e, em um primeiro momento, essencialmente comercial" (SEITENFUS, 2004). A Unasul, seis anos depois de ser oficializada, caminha a passos lentos e é pífiamente tratada pelos média e, conseqüentemente, pouco conhecida pela

---

<sup>5</sup> O Mercado Comum do Sul (Mercosul) foi oficializado pelo Tratado de Assunção, assinado entre a Argentina, o Brasil, o Paraguai e o Uruguai em 26 de março de 1991.

<sup>6</sup> A União das Nações Sul-Americanas (Unasul) foi oficializada pela Declaração de Cusco, assinada em 8 de dezembro de 2004 por: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela.



população. A integração permanece no campo burocrático e não chega ao cotidiano da população.

### **Metodologia de pesquisa**

Neste artigo, adotou-se o modelo metodológico de pesquisa empírica em Comunicação explicitado por Immacolata Lopes (1990), o qual estabelece as seguintes fases para a pesquisa: definição do objeto, observação, descrição e interpretação.

A definição do objeto de pesquisa da cobertura jornalística na tríplice fronteira entre a Argentina, o Brasil e o Paraguai implicou que, primeiro, pesquisasse-se a presença de veículos de comunicação. Observou-se que, nas cidades de Puerto Iguazú, Foz do Iguaçu e Ciudad del Este existem sete jornais, 49 estações de rádio e se tem acesso ao sinal de 17 canais de televisão. Atualmente, são 73 veículos de comunicação a cobrir a realidade fronteiriça de uma perspectiva total ou parcialmente local.

Na Ciudad del Este, destacam-se as estações de rádio - 23 no total, todas FM. Em Puerto Iguazú, cidade com a menor população dentre as três, há 17 estações de rádio e, em Foz do Iguaçu, são nove, sendo que quatro delas religiosas (Catedral, Gospel FM, Melodia Gospel e Rádio Aleluia) e duas AM. Pela proximidade geográfica, mesmo que em países diferentes, nota-se que a frequência de uma estação no Paraguai, por exemplo, não se repete na Argentina nem no Brasil e, assim, reciprocamente.

Os jornais vêm perdendo espaço em todo o mundo e não é diferente na tríplice fronteira: são sete no total, o que representa 9,6% dos veículos de comunicação. Em Foz do Iguaçu, há dois diários e um semanal; na Ciudad del Este, um diário e dois em versão *on line* e, em Puerto Iguazú, só há um com versão *on line*.

Dos 17 canais de televisão da tríplice fronteira, dez são brasileiros. No entanto, só um deles está sediado em Foz do Iguaçu: a RPCTV Cataratas, afiliada da Rede Globo. Na Ciudad del Este, são seis canais de televisão e só um deles tem sede na cidade - Canal 8 SNT. Em Puerto Iguazú, devido à lei federal argentina de 2009 que proíbe qualquer canal privado a ter alcance nacional, o canal local é o estatal Canal 12.

Todos os veículos de Foz do Iguaçu têm páginas na internet. Todos os jornais e canais de televisão das três cidades têm sítio *on line*, mas só 48% das estações de rádio da Ciudad del Este e 47% das de Puerto Iguazú o têm. Ademais, as páginas dos veículos brasileiros são mais bem desenvolvidas.



O jornal diário “A Gazeta do Iguaçu”, de Foz do Iguaçu, foi escolhido para a pesquisa. A justificativa é a do acesso, pois esse diário era o único que permite acesso remoto às matérias já publicadas. Ele mantém uma versão impressa e uma virtual, sendo que nesta é possível aos assinantes ter acesso a todas as edições virtuais de 2005 em diante. Contatou-se a equipe da Gazeta - como este texto se referirá a “A Gazeta do Iguaçu” -, que nos permitiu acesso total às edições anteriores. No entanto, a versão virtual não passa de uma transposição do conteúdo impresso para a tela do computador. Assim, as edições estão dispostas por data: ao se clicar em 2 de janeiro de 2007, por exemplo, é impossível que se acesse qualquer conteúdo que não tenha sido publicado no mesmo dia. As edições, portanto, estão organizadas como imagens do site na data de publicação.

O que se procurou na Gazeta foram as matérias que utilizassem os termos “fronteira” e “periferia” e citassem a Argentina e o Paraguai, fosse diretamente ou por termos similares, como “argentino” e “paraguaio”. Incluíram-se também as matérias em cuja extensão houvesse desenvolvimentos dos termos “fronteira” e “periferia”, a saber termos como: transfonteiriço, fronteiriça e periférico.

Contudo, mostrou-se praticamente impossível filtrar as matérias por palavras-chave. A equipe do jornal foi contatada novamente para saber se eles não teriam à disposição uma ferramenta que procurasse os termos citados no parágrafo acima. O responsável pela circulação do jornal se desculpou e disse que essa era uma falha que eles tentavam corrigir, mas que haveríamos de pesquisar edição por edição. Isto é, dia por dia - 730 deles. Dentro desta sistemática, cada mês exigiu em torno de duas horas de trabalho.

Cada edição da Gazeta tem três cadernos: Caderno 1, Caderno 2 e Classificados. A parte de cada edição analisada foi o Caderno 1, dado o seu teor não-ficcional, pois o Caderno 2 trata de filmes, novelas e previsões astrológicas. O Caderno 1 é dividido em dez editorias, ordinariamente: Editorial, Cidade, Região, Nacional, Internacional, Geral, Polícia, Política, Esporte e Economia. Não há publicações em todas as editorias todos os dias. Cada matéria era aberta e se procurava pelos termos: fronteira, periferia, Argentina e Paraguai. Se algum desses era mencionado, o número da edição, a data de publicação, o título da matéria, a editoria e a ocorrência dos termos eram registrados. Ao fim, uma tabela com 2.635 matérias foi gerada.



## Análise de dados

Para este artigo, foram separadas todas as matérias publicadas nas editorias “Internacional” e “Região” da Gazeta. Da primeira, obtiveram-se 181 matérias e, da segunda, 57. Escolheram-se 35 matérias para fim de análise: 31 delas da editoria “Internacional” e quatro da editoria de “Região”.

O que se faz mais evidente na análise dos critérios jornalísticos de enquadramento é a inexistência de parâmetros claros que definam o que se encaixa na editoria "Internacional" ou "Região". As noções de região e de exterior se mesclam, pois, Puerto Iguazú e Ciudad del Este, afinal, estão na mesma região geográfica do que Foz do Iguaçu. O que se tenta fazer é classificar como regional tudo aquilo que disser respeito à região política da cidade de Foz do Iguaçu dentro do estado do Paraná. Tudo que exceder essa esfera é classificado como assunto internacional, isto é, tudo o que citar assuntos juridicamente internacionais, incluindo-se aí os assuntos que envolvem o Paraguai e a Argentina, mesmo que contíguos a Foz do Iguaçu.

<b>TOTAL DE MATÉRIA</b>	35
<b>MATÉRIAS EM "REGIÃO"</b>	31
<b>MATÉRIAS EM "INTERNACIONAL"</b>	4

**Tabela 1: Descrição do total de matérias analisadas**

<b>TERMO</b>	<b>EDITORIA</b>					
	<b>REGIÃO</b>	<b>%</b>	<b>INTER.</b>	<b>%</b>	<b>TOTAL</b>	<b>%</b>
Argentina	2	50	21	68	23	66
Fronteira	3	75	17	55	20	57
Paraguai	4	100	25	80	29	83
Periferia	0	0	0	0	0	0

**Tabela 2: Ocorrência dos termos-chave nas matérias do corpus por editoria**



Como pode ser observado na tabela acima, o termo que mais se encontrou foi "Paraguai". Praticamente em todas as edições havia alguma menção ao país, geralmente na editoria "Policia", relacionando-o com a alta criminalidade da região. Na editoria "Internacional", trata-se o Paraguai de duas maneiras: como origem do tráfico de drogas e armas e como entrave para o desenvolvimento do Mercosul. A Argentina assume papel secundário, sendo mencionada como mero membro do bloco ou quando existe alguma movimentação política vinda de Buenos Aires. O cotidiano de Puerto Iguazú é limitado a quando os argentinos interrompem o trânsito na ponte entre a Argentina e o Brasil. A ocorrência do termo "fronteira" é menor do que do termo "Paraguai", indicando que se trata mais do país do que da região geográfica. O termo "fronteira" é genérico, usado como substitutivo à palavra região.

Na editoria "Internacional", são muito frequentes as matérias sobre o Mercosul. Nelas, não se trata, de qualquer maneira, de uma possível integração cultural entre os membros. Trata-se exaustivamente de acordos comerciais, taxas alfandegárias e se usa a palavra "desenvolvimento" ou "crescimento" como sinônimo para aquecimento das transações econômicas entre os países. O ministro das Relações Exteriores do Brasil, Celso Amorim, aparece muito: ora como representação da benfeitoria brasileira com o Paraguai, notoriamente mais pobre, a quem o Brasil doa dinheiro "com vistas a beneficiar o Paraguai", ora como negociador do descontentamento. Quanto a este último ponto, o Paraguai e o Uruguai, os dois menores membros do Mercosul, em extensão territorial e economicamente, fazem críticas constantes ao bloco, dizendo que este não lhes serve, pois promove o "crescimento" só para a Argentina e para o Brasil. A Gazeta se refere às críticas como "já usuais", numa clara demonstração de intolerância, que se intensifica com a utilização de expressões como "antibrasilianismo". Se o país a criticar é o Paraguai, o rechaço é maior: o Paraguai critica o Mercosul, em especial o Brasil, pois "o ranço da Guerra do Paraguai se mantém presente" e "a despeito das constantes ajudas financeiras do Brasil".

Nesse jogo, os Estados Unidos servem de "irmão maior" para o Paraguai e para o Uruguai. Se estes não veem mudanças, ameaçam firmar acordos de comércio com aqueles. Assim que isso é dito, a Argentina e o Brasil tentam atender os pedidos dos outros dois membros. A influência estadunidense, no entanto, não para aí. Eles garantem "que existem informações confiáveis sobre esta ponte ilícita entre a América do Sul e os países de maioria islâmica". A troca disso, é permitido ao exército dos





Estados Unidos vir à América do Sul a coordenar "exercícios de luta contra o terrorismo".

### **Interpretação**

A fronteira separa, além de dois Estados, três sociedades nacionais. Os média aproximam os lados opostos da fronteira e permitem a construção de representações sociais através de três fatores: “o recorte territorial, o papel deste recorte na organização do território e o localismo recente” (TÉTU, 2002, p.3) A imprecisão na definição das matérias como regionais ou internacionais indica uma tentativa de afastar a Argentina e, em especial, o Paraguai da proximidade a Foz do Iguaçu. A maioria das matérias que tratam de um desses países se encaixa na editoria "Internacional" e, no caso do Paraguai, também na de "Polícia". Tenta-se cobrir o Paraguai num espectro de caos e de ausência do Estado (SILVEIRA, 2006).

O recorte territorial feito, dessa forma, é o da segregação política evidente entre os três países e o da tentativa de também segregá-los culturalmente, pois não há referência ao cotidiano das pessoas que moram na região. Trata-se de apreensões policiais, acordos comerciais, desavenças diplomáticas, mas se ignora a relação de vizinhança entre a Argentina, o Brasil e o Paraguai. Como propõe Silveira (2006): "a política de comunicação vigente nas fronteira [é a da] ideologia de segurança nacional, com ênfase a aspectos que acabam por conceder um caráter imperialista às políticas de comunicação do Estado brasileiro na América do Sul[...]”.

Observando-se a cobertura jornalística efetivada no período e tomando-se em consideração a noção de enquadramento, pode-se dizer que a organização do território é a seguinte: o Brasil está aqui, a Argentina está ali e o Paraguai que fique lá. Intensifica-se a separação política na tentativa de se separar as culturas, como se elas fossem barradas pela fronteira, que, afinal de contas, é uma linha imaginária. O Brasil ainda conta ainda com uma fronteira natural: os rios Paraná e Iguaçu encaixam-se, mais ou menos, com a fronteira política entre a Argentina, o Brasil e o Paraguai e, para se atravessar a ponte que passa os rios, é preciso passar pelo controle de imigração do lado brasileiro, dando ao Brasil a oportunidade de selecionar quem sai, mas, fundamentalmente, quem entra. Isso reforça a posição de que o Paraguai representa uma ameaça à integridade do Brasil e se ignoram a co-descendência e a co-territorialidade



em prol do engrandecimento de um suposto estranhamento causado por quebras superficiais, como a diferença de idiomas e de interesses nacionais (SILVEIRA, 2006).

De acordo com Jean-François Tétu (2002), a cobertura jornalística local é um tentativa de defesa e visa à consolidação de um território próprio. Essa preocupação é focada na perspectiva brasileira. O território a ser consolidado e a realidade local a ser defendida para na fronteira. Não há preocupação em se tratar da realidade social e cultural nem do Paraguai nem da Argentina. No âmbito da fronteira, Foz do Iguaçu se une ao Brasil na posição de vítima da desordem e da violência que advêm do Paraguai. A supressão do fato de que os argentinos, os brasileiros e os paraguaios que moram na região fronteiriça têm, acima das diferenças idiomática e jurídica, semelhanças históricas, de compartilhamento do território e de origem étnica comum é ratificada pela atuação policial brasileira na fronteira. A ordem é manter separado, pois:

É o encontro com o outro, sempre renovado, que permite entrever a evolução e a transformação da identidade individual e de conceitualizar uma evolução - ou eventualmente, uma verdadeira liberação - das condições iniciais de pertença dentro das quais havia tomado forma o núcleo mesmo dessa identidade (SEMPRINI, 1999).

Assim, se o compartilhamento do cotidiano fosse permitido, isto é, se o convívio social não tivesse de ser liberado mediante autorização do Estado, haveria o reconhecimento de si no outro, superando-se as diferenças impostas pela separação política. Esse reconhecimento seria fundamental para a integração efetiva da América do Sul, já que, até agora, as tentativas para tal não passam de acordos comerciais de eliminação de taxas alfandegárias (SEITENFUS, 2004).

Segundo Ricardo Seitenfus (2004), há quatro condições que compõem uma "lei de integração", a saber: contiguidade geográfica, zona de influência, vontade política e estratégia de Estado. A contiguidade geográfica diz respeito à proximidade entre os países que desejam iniciar um processo de integração. No caso da tríplice fronteira, a contiguidade geográfica é evidente, mesmo que o enquadramento da Gazeta visem ao distanciamento simbólico entre os países. O Brasil tem o maior PIB de todos os membros do Mercosul<sup>7</sup> e, nas matérias analisadas, é comum que se cite doações e ajudas financeiras do Brasil ao Paraguai como se para determinar a zona de influência do Brasil no Mercosul. De zona de influência, portanto, a atitude brasileira e o enquadramento jornalístico passam à imposição hegemônica sobre o Paraguai,

---

<sup>7</sup> De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2008, o PIB do Brasil chegou a R\$ 2,9 trilhões. Dado disponível em [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1330&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1330&id_pagina=1), acessado em 09/07/2010.



hegemonicamente. Quando o Paraguai se sente ameaçado, recorre aos Estados Unidos, cujo PIB<sup>8</sup> é maior do que o brasileiro e cujas tentativas históricas de inserir a América do Sul em sua zona de influência ainda intimidam o Brasil.

Assim, a estratégia de Estado, no caso do Brasil, quanto à integração regional, baseia-se em acordos comerciais e ignora a necessidade de reconhecimento dos territórios como vizinhos e não só contíguos. Ademais, a vontade política se fecha no desejo de simplesmente aumentar o volume das transações econômicas.

Por fim, a questão do território é encerrada nas noções políticas. Ignora-se a relação de vizinhança entre a Argentina, o Brasil e o Paraguai. Os três países são mostrados como a ter seus próprios territórios, independentes um do outro, que só se conectam quando a influenciar as transações econômicas entre os países. A realidade sócio-cultural dos povos que habitam a região da fronteira não é tratada, como se não influenciasse a integração rogada tão intensamente pelo Brasil.

### **Considerações finais**

Este artigo pôde identificar a posição do Estado brasileiro através do enquadramento jornalístico das matérias publicadas nas editorias "Internacional" e "Região" no diário "Gazeta do Iguazu", de Foz do Iguazu. Até o momento, pode-se afirmar que o enquadramento dado aos acontecimentos propicia uma imagem caótica, em especial, sobre o Paraguai. O Brasil é posicionado, então, como vítima desse vizinho desordenado.

O Brasil prega que a integração regional é mister para o desenvolvimento da América do Sul. No entanto, a maneira como a Gazeta inferioriza os países próximos perante Brasil mostra que a integração econômica é necessária, mas insuficiente. O reconhecimento da co-territorialidade entre os países e do compartilhamento de realidades sócio-culturais semelhantes é a base pétrea da integração, tal como ainda falta ao Mercosul e à Unasul.

---

<sup>8</sup> De acordo com Fundo Monetário Internacional, o PIB dos EUA, em 2009, é de aproximadamente R\$ 25 trilhões. Dado disponível em <http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2009/02/weodata/weorept.aspx?sy=2006&ey=2009&scsm=1&ssd=1&sort=country&ds=.&br=1&c=111&sNGDPD%2CNGDPDPC%2CPPGDP%2CPPP%2CCLP&grp=0&a=&pr.x=64&pr.y=8>. Acessada em 09/07/2010. Cotação do dólar de R\$1,76, como em <http://economia.uol.com.br/cotacoes/>, acessado em 09/07/2010.



## **Referências bibliográficas**

CARVALHO, C. A. de. **O enquadramento como conceito desafiador à compreensão do jornalismo**. Rio de Janeiro: Anais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2009.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico**. São Paulo: Loyola, 1990.

SANTOS, M. (Org.) et al. **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 2002.

SEITENFUS, R. **Relações internacionais**. Barueri: Manole, 2004.

SEMPRINI, A. **Multiculturalismo**. Bauru: EDUSC, 1999.

SILVA, V. J. da. **O escândalo do mensalão em revistas semanais: uma análise de enquadramento**. Bauru: UNESP, 2008.

SILVEIRA, A. C. M. da. **Comunicação e Estado. Políticas e zonas de intervalo**. Brasília: Anais do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006.

TÉTU, J.-F. **Le territoire, entre frontières et réseaux**. Lille: CREDO/S.F.S.I.C., 2002.